

CAMINHADA*

Maurice Vaneau

Há alguns anos atrás, visitei uma antiga fábrica num bairro industrial de Bruxelas que cheira à chocolate, devido à vizinhança imediata da mais conhecida fábrica de chocolate belga. Este acontecimento não teria grande interesse se não fosse pela presença daqueles que me convidaram a fazer essa visita: Maurice Huisman, diretor da Ópera Nacional e Maurice Béjart, diretor artístico do Ballet du XXéme Siécle. A ideia de ambos era a de transformar essa fábrica num centro onde jovens do mundo inteiro, além de estudar dança clássica e moderna, receberiam uma formação vocal, praticariam yoga e trabalhariam ritmo, interpretação dramática de textos e jogo cênico, formando finalmente atores-bailarinos-cantores-percussionistas-acrobatas, que são os criadores e intérpretes completos que o teatro de hoje necessita. Entusiasmadíssimo com o projeto, divulguei a notícia logo que voltei para o Brasil, informando que haveria em breve um audição para selecionar candidatos de 15 a 21 anos, sem distinção de raça ou nacionalidade.

Um ano depois, nascia o “Mudra” – Centro de Aperfeiçoamento e de Pesquisa dos Intérpretes do Espetáculo – (Mudra quer dizer gesto Sânscrito).

Dos 400 candidatos de todos os continentes que passaram a audição, apenas 24 foram aceitos (provisoriamente). Entre esses 24 estagiários, havia duas brasileiras: Juliana Carneiro da Cunha e Célia Gouvêa. Desses, apenas 8 conseguiram chegar ao fim do ciclo completo do Mudra (1 belga, 1 marroquino, 1 malgache, 1 francês, uma canadense, 1 franco-espanhola e as duas brasileiras).

Durante os últimos 4 anos, vivi quase dia à dia o trabalho dos “mudristas”. Esse dia à dia começava entre 8:30 e 9 horas da manhã e acabava muito depois do pôr do Sol, depois da última improvisação, pesquisa vocal ou gestual. Vivi esse dia à dia, e presenciei os momentos de pânico, de crise, de desespero às vezes – até que finalmente, numa noite no Cirque Royal de Bruxelas, a explosão, a grande alegria, única, inesquecível, de jovens artistas enfrentando o público pela primeira vez, com uma maneira nova, diferente, de fazer teatro. Foi, para mim, uma noite extraordinária, um dos momentos mais comoventes em 25 anos de vida teatral.

Pouco a pouco, o grupo foi amadurecendo sua linguagem, à medida que se confrontavam com o público em Carpentras, Londres, Bern, Bordeaux, Rotterdam, etc. E veio a hora das decisões, das separações, e Célia e eu decidimos voltar ao Brasil.

E pensei que a melhor maneira de re-estrear aqui no Brasil, seria de, junto com Célinha, reunir e trabalhar com um grupo de bailarinos-atores, jovens e entusiastas, e de fazer com que o público brasileiro recebesse um pouco dessa tentativa que é de criar um teatro que se fundamenta no espaço, um teatro espelho das angústias e aspirações do homem e que, tendo assimilado a tecnologia, volta à fonte, às origens mais profundas: à dança, e a partir dela re-inventa uma linguagem – esvaziada por tantos anos de comercialização – que se manifesta através de sons, gestos e movimentos, numa experiência, numa “Caminhada” exuberante e palpitante.

* Texto publicado originalmente em: **Caminhada**. [São Paulo, Teatro Galpão - 1974]. Programa de espetáculo.